

EDUARDO  
HAESBAERT  
UM RIO QUE PASSA



Fundação **Iberê**

EDUARDO  
HAESBAERT  
UM RIO QUE PASSA

01 de maio a 25 de julho de 2021



Eduardo Haesbaert e a Fundação Iberê são como personagens indissociáveis. Iberê Camargo sempre contou com Eduardo, fazendo dele um assistente/confidente. E, por sua vez, Eduardo foi como um guardião desses tempos vividos ao lado do mestre, desenvolvendo nele mesmo um artista de talento incomum.

Em 2019, numa grande exposição em São Paulo, na Galeria Bolsa de Arte, confessei à Marga Pasquali o meu constrangimento – foi naquela visita que tive clareza da dimensão do artista Eduardo Haesbaert, até então só mais um importante e talentoso colaborador da Fundação Iberê, dedicado quase que integralmente na continuidade de um projeto valioso da instituição, o Programa Artista Convidado, que já recebeu mais de 100 artistas de todas as partes, no constante desafio do papel e da prensa, transformados em obra. Desde 1999, este trabalho já resultou em mais de 350 gravuras, nos mais diferentes estilos e dimensões, que enriquecem nosso acervo. Além disto, Eduardo é também nosso constante conselheiro quando precisamos dirimir dúvidas sobre a obra e vida de Iberê Camargo, contribuindo com informações que só podem vir de quem teve o privilégio do singular convívio.

Hoje, a Fundação Iberê tem o privilégio e a alegria em apresentar 36 trabalhos inéditos, realizados desde o final de 2020, especialmente para a exposição **Um rio que passa**. Eduardo, generoso como sempre, resolveu também lembrar e homenagear o artista e amigo Gelson Radaelli, falecido no ano passado. Foi Gelson quem apresentou Eduardo a Iberê, lá nos idos de 1990.

Quando se convive com Eduardo Haesbaert, se tem a grata sensação de um trecho de uma carta de Charles Dickens – *quem se dedica a uma arte deve se contentar em entregar-se totalmente a ela e nela encontrar sua recompensa*. Este é o Eduardo que conheço, um artista entregue, em tempo integral, ao seu mundo criativo.

Todos nós, da Fundação Iberê, agradecemos o privilégio deste convívio.

EMILIO KALIL  
Fundação Iberê



Recebo como um presente o convite para expor minhas obras neste espaço depois de tantos anos de convívio com o universo de Iberê Camargo (1914-1994) e com a Fundação que guarda tantas camadas de gestos em torno de sua obra.

Fui seu assistente, impressor e coordeno o Ateliê de Gravura da instituição onde sigo na troca e no aprendizado com outros artistas. Iberê dizia que todo artista deveria ser como um rio com suas águas que se renovam sempre.

Sou artista de ofício, de ateliê. Meu trabalho é muito manual, meu corpo está ali junto impresso na obra. Papel, pigmento, mão e pensamento são os elementos essenciais da minha prática.

No desenho e na pintura me expresso como numa gravura expandida.

Adenso o pigmento em pastel seco de carbono com pressão à palma sobre o papel e revelo diferentes matizes do preto que cobre e descobre o branco da superfície por vezes rasgada criando texturas aveludadas para o claro e para o escuro.

Em **Um rio que passa** apresento desenhos, pinturas e monotipias na maior parte em grande formato. A escolha desta dimensão deve-se à minha busca em estabelecer um diálogo, e sustentá-lo, com as paredes tão presentes do prédio. Minha experiência estética com esta arquitetura é renovada a cada dia. Espaço e escala humana ganharam novos sentidos para mim.

Na busca da construção de uma obra no plano bidimensional tenho também como referência algumas obras da história da arte, como as de Giotto (1267-1337) e de Masaccio (1401-1428), para a composição da cena.

No conjunto de obras realizadas para esta exposição expresso meu pensamento sobre a tensão e a suspensão do tempo que vivemos. São paisagens urbanas em ruínas.

Projeto imagens de uma Babel que explodiu, de um plano piloto em desconstrução, de uma torrente de água que inunda o cenário ausente de presença humana e de um trampolim à espera do salto e do mergulho de quem as contempla.

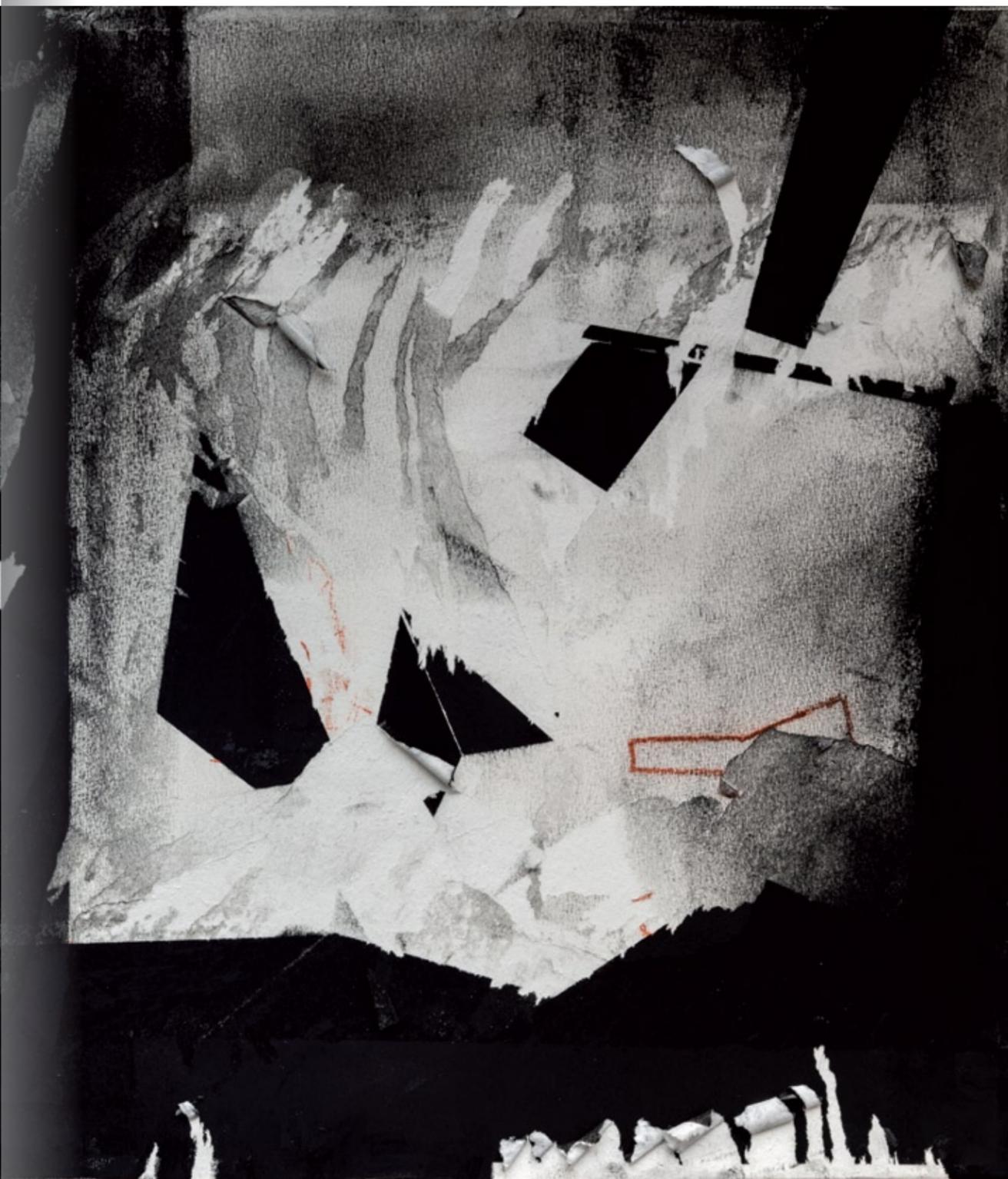
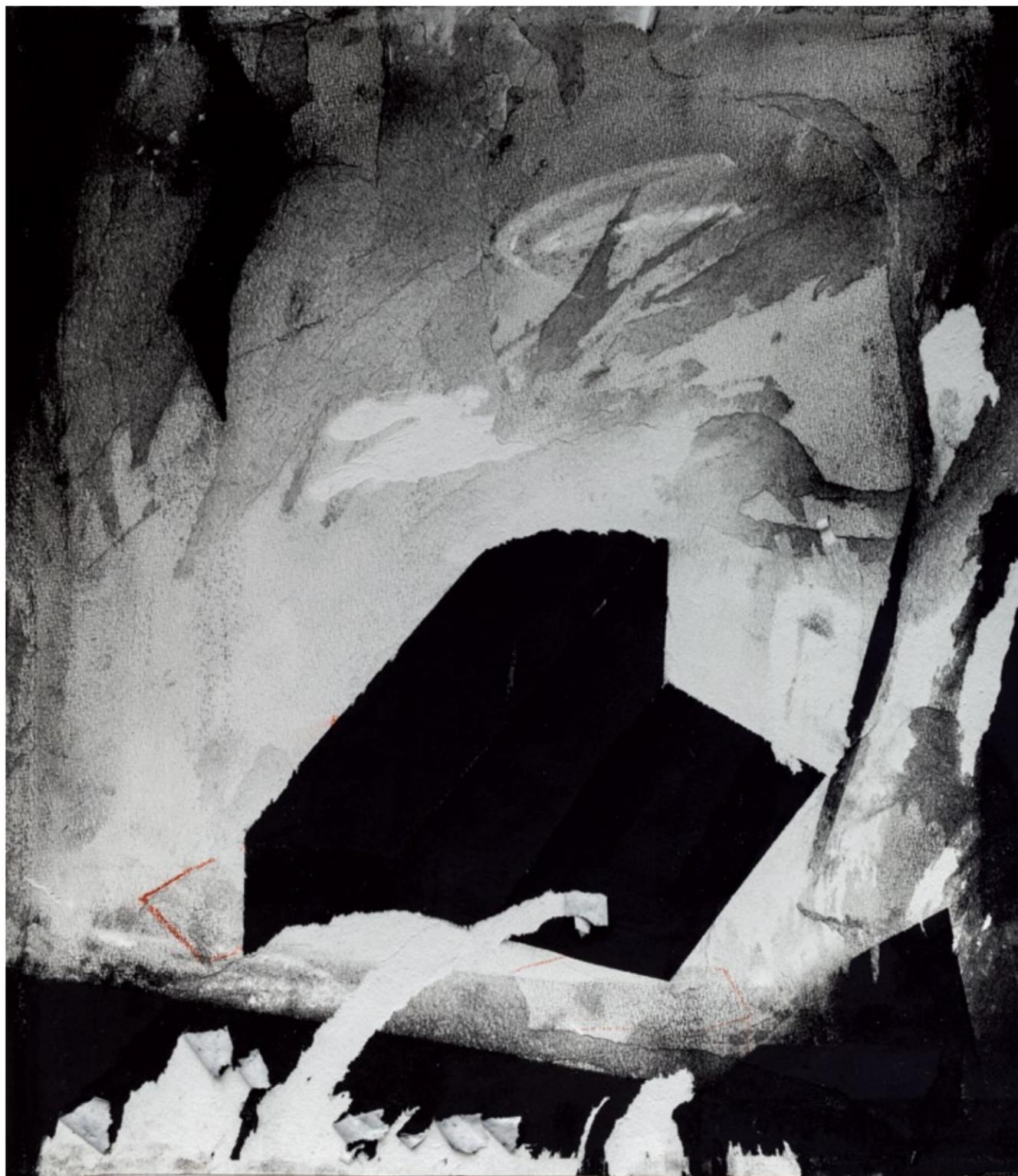
#### EDUARDO HAESBAERT

À memória de Maria Coussirat Camargo (1915-2014).

Agradecimento especial à Marta Biavaschi e a toda equipe da Fundação Iberê.

**Nascente**, 2021  
49,5 x 68 cm  
pastel seco sobre papel





**Incendiário**, 2020  
49 x 84,5 cm  
pastel seco sobre papel



**Plano Piloto**, 2020  
157 x 157 cm  
pastel seco e óleo sobre papel



**Tremonha**, 2020  
157 x 157 cm  
pastel seco e óleo sobre papel

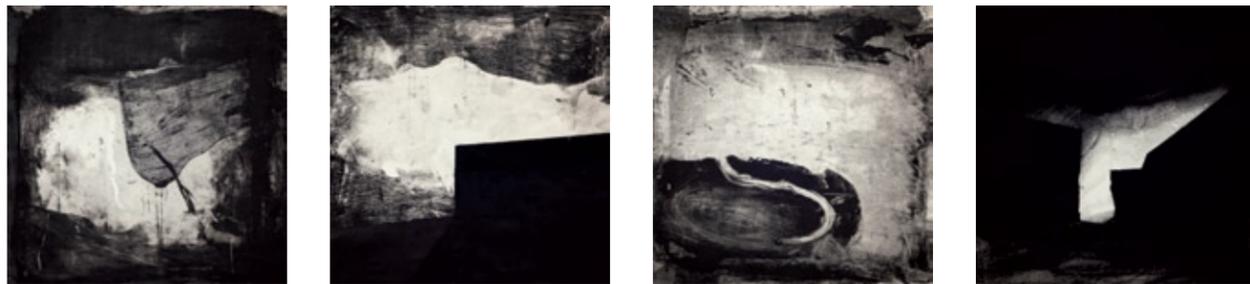
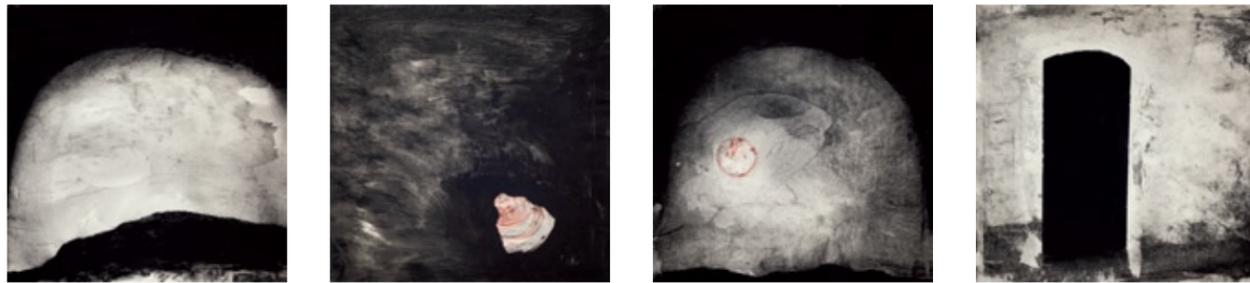


**Rua da Margem**, 2021  
157 x 157 cm  
pastel seco e óleo sobre papel

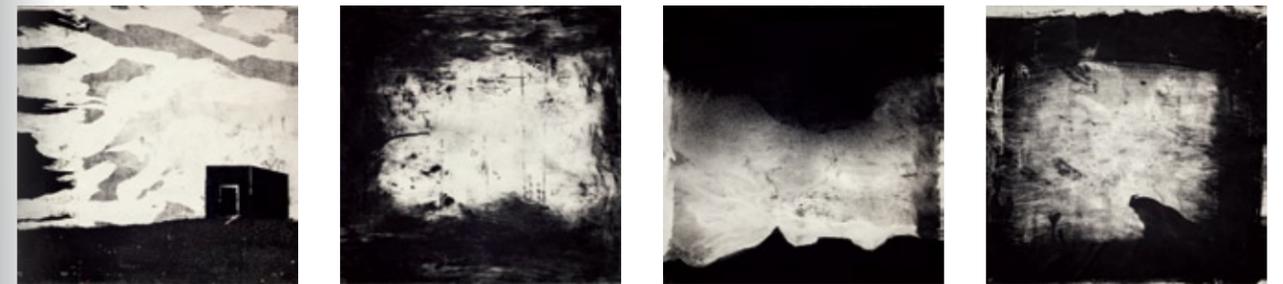
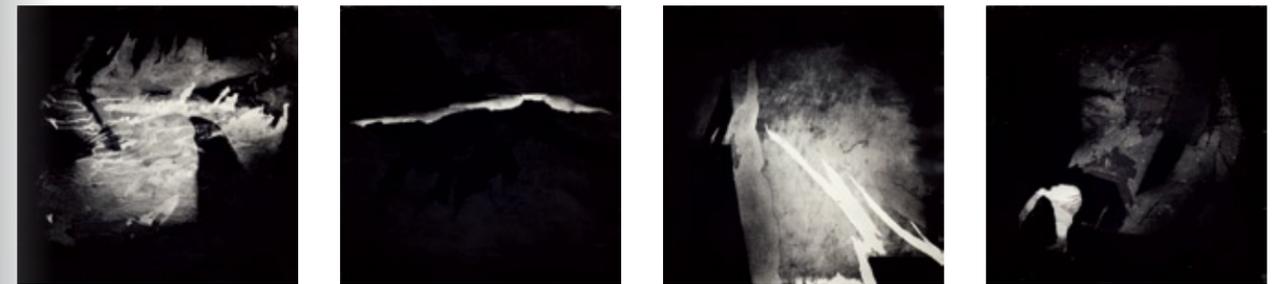
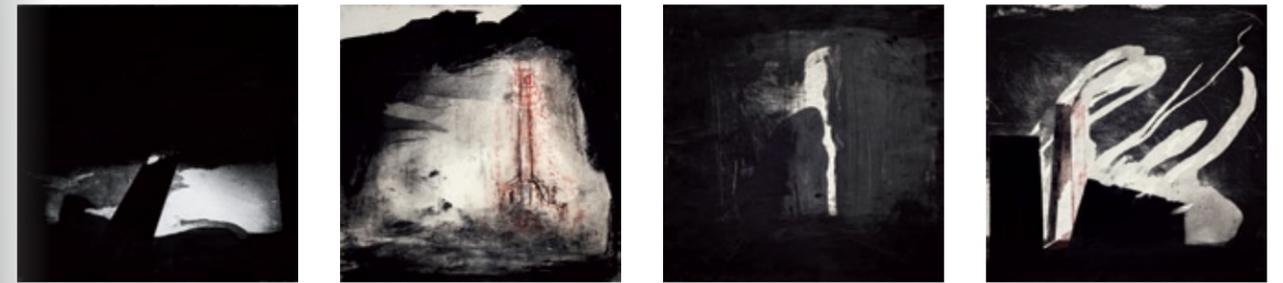
Próxima página:

**Ponte**, 2021  
152 x 224 cm  
pastel seco sobre papel





Série 24 quadros por segundo, 2021  
50 x 50 cm cada  
monotíпия, pastel seco, óleo, parafina e ponta seca sobre papel



Da esquerda para a direita:

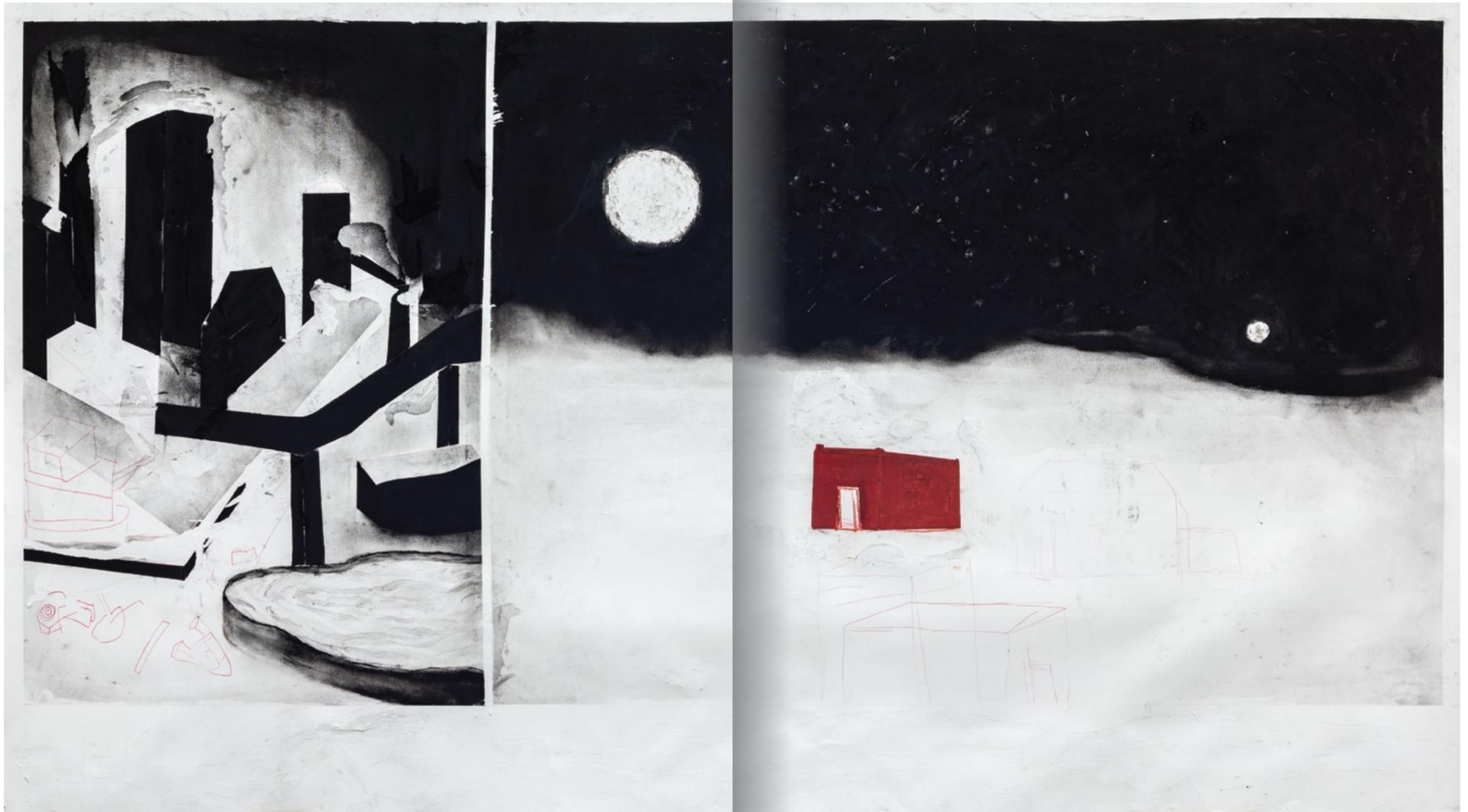
**Lua cheia | Satélite | Marte | Caixa d'água | Voo | Ruína do Gasômetro | Caverna | Chamas  
Vestígio | Capa preta | Tronco | Concreto | Barbatana | Cerro | Ardente | Mina  
Barca | Lindeiro | Narciso | Contraluz | Luz interior | Meditação | Fuligem | Lobo**



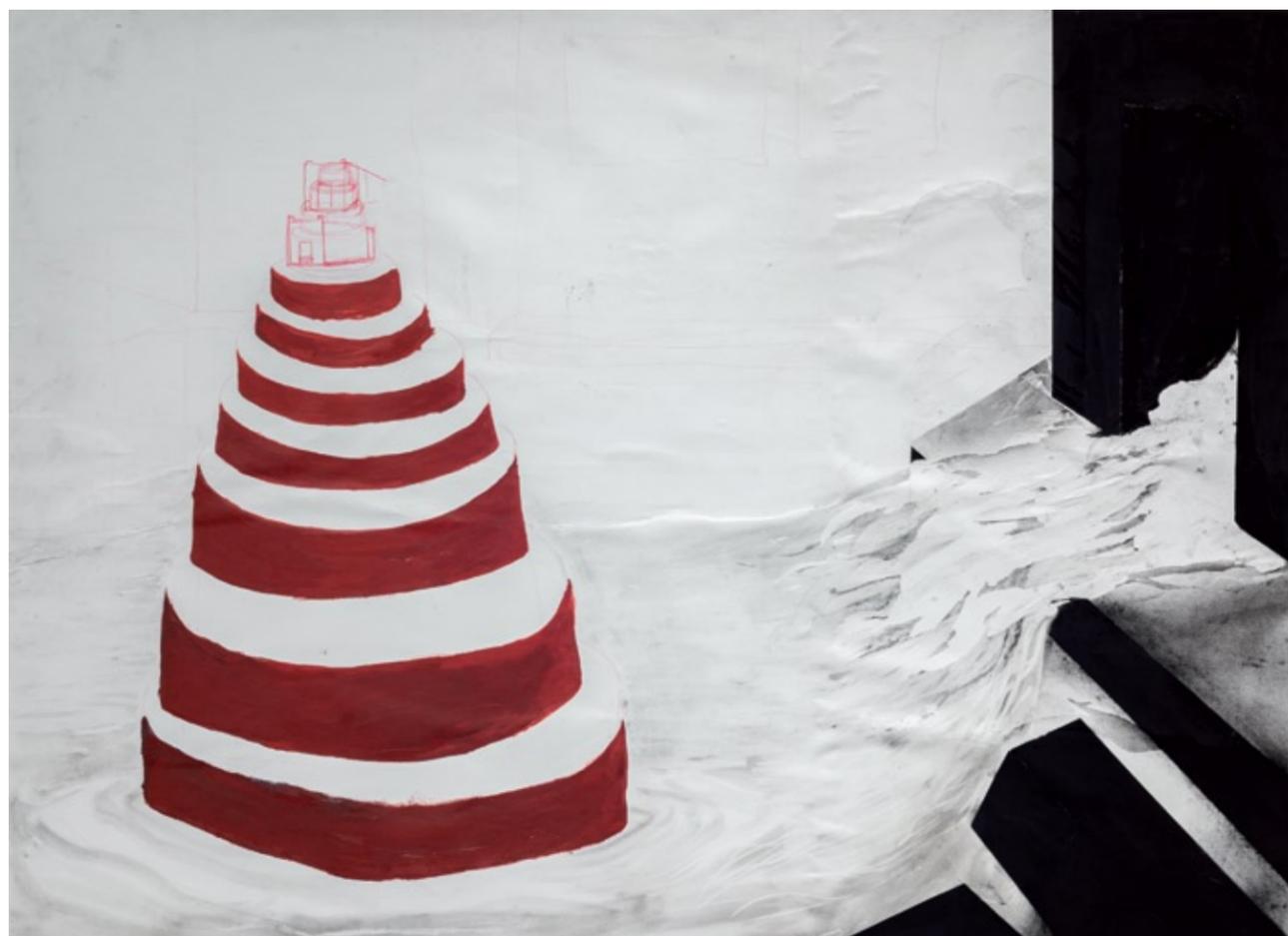
**Marte**, da série **24 quadros por segundo**, 2021  
50 x 50 cm  
monotípia, pastel seco, óleo, parafina



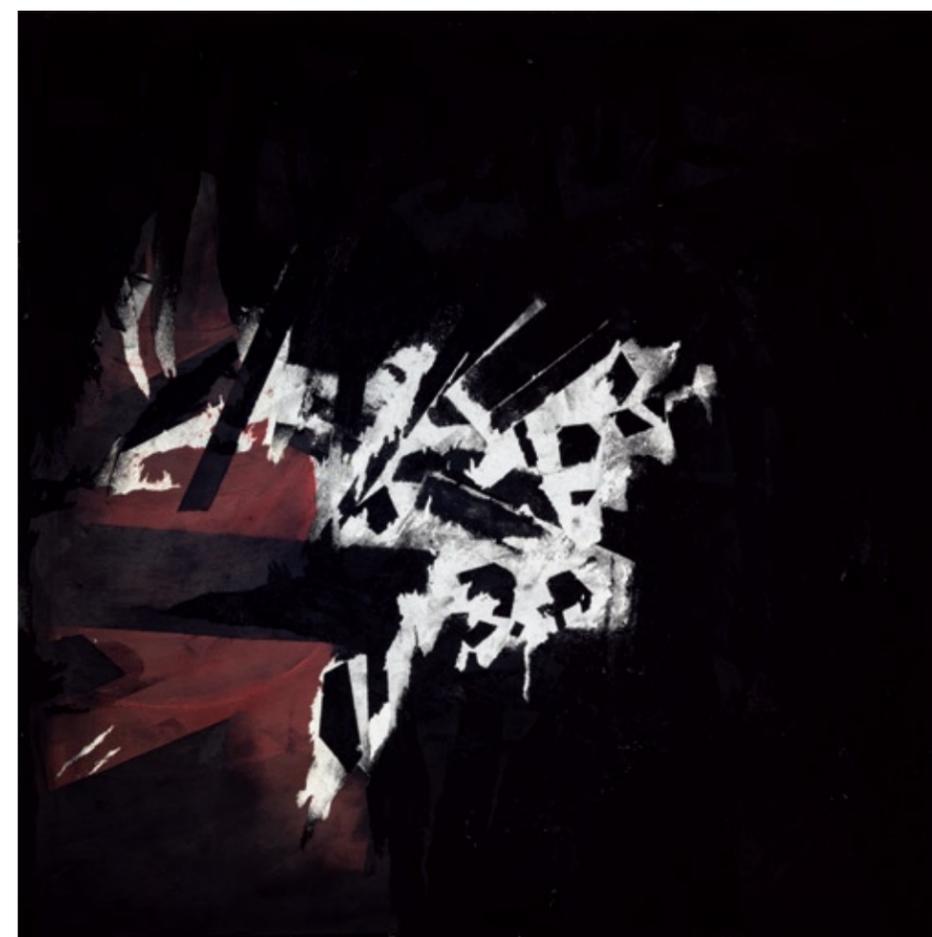
**Lobo**, da série **24 quadros por segundo**, 2021  
50 x 50 cm  
monotípia



**Duas Luas, 2021**  
152,5 x 270 cm  
pastel seco, parafina, lápis de cor e óleo sobre papel



**Enxurrada, 2021**  
152 x 203,5 cm  
pastel seco, lápis de cor e óleo sobre papel



**Uma Babel que explodiu, 2021**  
76 x 76 cm  
pastel seco e óleo sobre papel

Próxima página:  
**Um rio que passa, 2021**  
289 x 400 cm  
pastel seco e óleo sobre papel





**Temporal**, 2021  
157 x 500 cm  
pastel seco e óleo sobre papel



**Redemoinho**, 2021  
91 x 182 cm  
pastel seco sobre papel



## DIZ A VERDADE QUEM DIZ SOMBRA

O verso acima, do poeta romeno-alemão Paul Celan, parece descrever perfeitamente o horizonte de trabalho de Eduardo Haesbaert. Feita de carvão, tinta a óleo, de pigmento, à *maneira negra* numa gravura ou naquela meia luz casual, no vão entre a parede e a cuba de uma pia fotografada digitalmente – é sempre a sombra, como uma matéria semi-sólida esparramando-se por tudo, que protagoniza sua obra. Parece estar tanto nas coisas como no intervalo entre elas, fazendo com que troquem de lugar para revelar uma origem (e uma espessura) comum.

Assim, se pela procura de certo aspecto semi-sólido (quase feltro) que atravessa os trabalhos, é à regência de Iberê (com quem Eduardo tantos anos conviveu e a quem auxiliou) que os trabalhos remetem, pela poética de fundo – a promessa que mora num eclipse – é à obra de Goeldi que verdadeiramente se filiam.

Há uma tranquila obscuridade aqui, de um artista acostumado ao tráfico minucioso e diário com os materiais e seus efeitos. Pois atravessa toda esta poética o rastro de um grande artesão, que obtém o que pede ao cobre, ao ácido, ao óleo, à cera. Talvez por isso o tempo destes trabalhos seja ele próprio espesso e lento, infiltrando-se nos vãos, esmaecendo os contornos, prendendo o ponteiro, fugindo da luz.

### NUNO RAMOS

Texto para a exposição **Negro de Fumo**  
Galeria Bolsa de Arte, São Paulo, 2015



## ESCURIDÃO E RUTILÂNCIA

Estamos mesmo imersos em uma densa noite. Nessa escuridão, que quase nos cega, vislumbramos aspectos de coisas, mas que não chegam a formar ou nos dar a notícia de sua totalidade. Não sei se estas feições são reveladas pela luz ou pela escuridão. Quanto mais eu olho para esses trabalhos do Eduardo, mais fico convencido de que o negrume também desvela. Acho mesmo que à força de tornar este sistema de valores iguais, o artista retira grande parte de sua força.

Um e outro, claro e escuro, preto e branco, nos fazem pensar também no incessante movimento pendular do mundo, sempre indo e vindo entre opostos, oscilando na eterna passagem das coisas. O que hoje seria reconhecido como certo, amanhã esboroa-se em névoa. Por isso também a sugestão maior desses trabalhos consistiria em fazer lembrar que existimos entre viver e desejar, e que seria da apreensão desse sistema ambivalente que poderíamos construir com mais verdade a imagem das coisas.

Em um texto conhecido, chamado *Escuridão e Rutilância*, Hélio Pellegrino, nos alerta contra a ilusão das claridades excessivas. Diz ele que elas velam mais do que revelam, e que no centro do incêndio solar, haveria um latifúndio de treva. Refere-se aí, o autor, também ao ato criador: o artista, no seu mergulho poético, ordenha leite da escuridão. Em algo muito próximo a isso eu penso quando observo os trabalhos do Eduardo, principalmente esses últimos.

Talvez nas obras desta exposição a luz se torne presente de maneira mais curiosa. E nova também. O artista recupera o claro não mais pelo acréscimo da tinta branca, mas por meio de rasgos no papel. Seria como se a própria matéria cobrasse seu estatuto de realidade, revelando, assim, sua origem. Claro que essa operação envolve um risco, e isso também torna esses desenhos muito instigantes de se ver: o fazer pode também desfazer. Mesmo o mais hábil artista – como seria o caso do Eduardo – poderia por tudo a perder.

Estamos, então, de novo, aí, pendurados nesse pêndulo, na eminência deste eterno retorno de tudo.

### PAULO PASTA

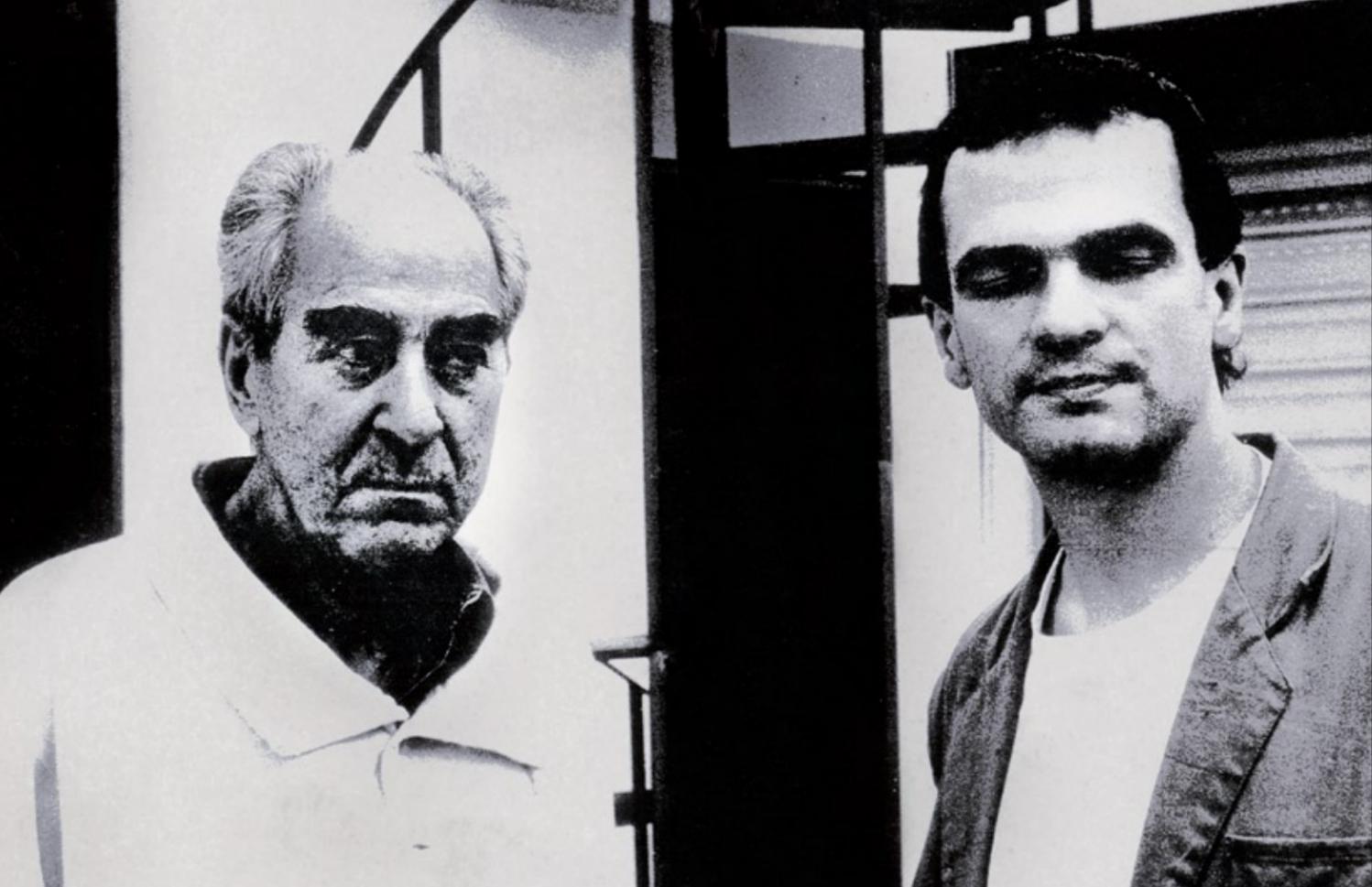
Texto para a exposição **Torrente**  
Galeria Bolsa de Arte, São Paulo, 2019



HOMENAGEM A  
GELSON RADAELLI  
por Eduardo Haesbaert

---

Seleção de obras de Gelson Radaelli e  
de Iberê Camargo, exposta no átrio da  
Fundação Iberê, em mostra paralela  
à exposição **Um rio que passa**



Iberê Camargo e Gelson Radaelli no ateliê do bairro Nonoai, Porto Alegre, c.1990. Foto Ruy Varela. Acervo Rogéria Rocha e filhos

Homem cheio de vida, pintor inquieto. Grande artista. Vai ser muito difícil sem a presença dele. Fica um vazio.

Começamos nossa amizade no Atelier Livre da prefeitura de Porto Alegre, entre 1986 e 1987, onde eu fazia gravura em metal e ele sempre passava por lá para distribuir o jornal que editava na época, o *Pra Ver*.

Dividimos o mesmo ateliê, no porão de uma casa na Rua Garibaldi, no início da década de 1990. Juntos, participamos de várias exposições coletivas, em especial com o grupo que formamos com o Fabio Zimbres, *A Casa do Desenho*, criado a partir de nossos encontros, regados a vinho e boa comida, sempre. Numa dessas reuniões, o Gelson fez um desafio: colocou um papel na parede do ateliê e nos provocou a desenharmos um sobre o trabalho do outro. O gesto e o traço de um, em diálogo com os do outro, sobre um mesmo papel. Uma escuta do desenho. Uma conversa.

O nome do grupo surgiu após retirarmos o papel da mapoteca que pertenceu ao mobiliário da Casa do Desenho, antiga loja de material de arquitetura e arte. Desenhamos muito juntos. Realizamos exposições em Caxias, Pelotas, Santa Maria, Antônio Prado/Capela Santana e Porto Alegre, no Museu do Trabalho, quando recebemos o Prêmio Açorianos de melhor coletiva. Hugo Rodrigues, diretor do museu, também nosso amigo, tornou-se o grande incentivador do grupo.

Um artista na cozinha. Quando abriu o Atelier das Massas, em 1992, no início Gelson tocava com a Rogéria, sua esposa, depois passou a contar com os irmãos Jorge e Cesar, e a empregar mais gente. Ele era muito admirado pelos funcionários. No restaurante, localizado numa das partes mais abandonadas da cidade, ele conseguiu, com resistência, criar um ponto de encontro no centro, fazendo chegar ali quem antes não se encorajava a ir àquela região à noite.

Apoiou muitos espetáculos, festivais, filmes e eventos culturais cedendo refeições para convidados e equipes. Muitos artistas de fora guardam na memória o acolhimento desse lugar especial. Gelson, sempre com bom papo, sincero e humorado, dava atenção especial aos clientes. Muitos tornaram-se amigos. Somaram-se aos nossos encontros a Tulia e o Teodoro, seu filhos. Lembro deles pequenos, em piqueniques, nos fins de semana na Serra, bagunça boa e divertida.

Devo muito ao Gelson, era um cara generoso. Uma lembrança e um agradecimento mais do que especial: foi ele que me apresentou a Iberê Camargo, que precisava de impressor para suas gravuras em metal. Fiz o teste e acabei trabalhando como seu assistente de 1990 a 1994. E sigo trabalhando na Fundação Iberê, como coordenador do ateliê de gravura. Gelson já era amigo de Iberê, conheceram-se também na época do jornal *Pra Ver*. Ele o acompanhava em suas saídas pela cidade. Lembrando de uma dessas tardes, na Redenção, Gelson escreveu um texto, a convite da Fundação Iberê, para o catálogo da mostra *Iberê Camargo: Visões da Redenção*, em 2019, aqui reproduzido na íntegra.

Gelson também levava as massas artesanais feitas por sua mãe até a casa do Iberê. Numa dessas idas, vestia uma calça vermelha alaranjada, típica italiana, e Iberê quis pintá-lo assim, com aquela cor forte. Ele foi modelo para o quadro, numa sessão só. Voltaria outro dia para terminar a pintura, mas as atividades do restaurante intensificaram-se e ele teve que adiar o retorno. Iberê faleceu e o quadro ficou inacabado, porém, guardado. Não está assinado na frente, mas atrás, sim, junto ao título: Gelson.

EDUARDO HAESBAERT



Gelson Radaelli | sem título, 2004 | tinta acrílica sobre tela | 164 x 152 cm | cortesia Bolsa de Arte



Iberê Camargo | Gelson, 1992 | obra considerada inacabada | óleo sobre tela | 184,7 x 145,9 cm | Acervo Fundação Iberê



Mendigos do Parque da Redenção IV, 1987 | tinta de esferográfica, lápis Stabilotone, nanquim e guache sobre papel | 22 x 31 cm | Acervo Fundação Iberê  
Mendigos do Parque da Redenção, 1987 | grafite e tinta de esferográfica sobre papel | 21,8 x 32,5 cm | Acervo Fundação Iberê



**Iberê Camargo**  
**Mendicantes do parque**, 1987  
nanquim e lápis Stabilotone sobre papel  
34,1 x 38,5 cm  
Acervo Fundação Iberê



**Gelson Radaelli**  
sem título, 2004  
tinta acrílica sobre tela  
164 x 152 cm  
cortesia Bolsa de Arte

## IBERÊ CAMARGO NA FONTE DA REDENÇÃO

Ainda pré-adolescente, eu já tinha fascínio pelo trabalho do Iberê; morava em uma cidade minúscula, sem livraria, sem biblioteca nem banca de revistas. Meu pai, um apaixonado pela natureza e por arte, trazia da cidade maior publicações que falavam de pintores. Lembro-me bem da coleção *Gênios da Pintura*, com mais de vinte pequenos livros com capa dura, que reproduziam estampas dos principais quadros de cada artista consagrado, com fama mundial. Inconformado, eu garimpava fotos e matérias em revistas – Manchete e, quem sabe, na Revista do Globo ou na Cruzeiro!? – e em alguns fascículos e catálogos que chegavam às mãos. Recortando e colando, criei o exemplar do Iberê Camargo nessa coleção que eu tanto apreciava. Minha quase veneração por esse artista se manteve após adulto e uma admiração única persiste até hoje.

Na metade da década de 1980, tive a sorte e o privilégio de conhecer o pintor entorpecido pela série exuberante com figuras humanas, carga matérica, infindáveis veladuras e pinceladas cheias de fúria. Não podia tê-lo encontrado em momento mais admirável. Eu permanecia imóvel no canto do ateliê, completo silêncio, invisível, assistindo o espetáculo de entrega e criação incomum, talvez única. O sentimento jogado ali, o domínio técnico, a procura e a exigência desse sacerdote da pintura, faziam da construção e destruição – sequência de várias obras primas em um mesmo suporte em curto espaço de tempo –, uma performance com uma carga talvez mais poderosa do que a sua extraordinária pintura final.

O artista que usava com abundância o que lhe era mais caro, verdadeiro e particular, a sua emoção, também era o artista que usava os melhores materiais possíveis – chassi, linho da tela, tintas a óleo, pincéis, solventes, guaches, papéis, lápis e materiais de impressão: os mesmos que passam pelas mãos dos criadores mais importantes do mundo. O gesto violento da pincelada e o traço mais ríspido do grafite, para a eternidade.

O modelo, ao alcance do olhar, era imprescindível para a construção da pintura de Iberê Camargo. Muitas figuras, do arlequim ao ciclista, transitavam pelas telas, quando a curiosidade não se voltava para um amigo que estava ali no ateliê. Em outros momentos, percorria a Rua da Praia e imediações coletando desenhos de manequins nas vitrines, artistas de rua e desvalidos. Nos limites da cidade, se encantava com árvores secas, seus galhos pontiagudos e com carros batidos, abandonados e, às vezes, empilhados. Acompanhei inúmeras jornadas do artista pela procura dessas imagens que nos ferem com delicadeza, cheias de visualidade e significados. Esses rascunhos já por si são maravilhosos, mas serviam para recriações na volta ao estúdio; surgiam dali guaches sobre papel, elementos novos nas pinturas e potentes gravuras em metal.

Foi num dia desses, quando o Iberê ainda morava na Rua Lopo Gonçalves, que saímos a pé para mais um percurso no Parque da Redenção. O artista, com o seu caderno de desenhos, e eu carregando alguns dos seus pertences. Chegamos na fonte entre árvores, naquele momento riscada pela luz do sol: um cenário de filme. À volta dela, vários mendigos conversavam e lavavam as suas roupas. O artista pareceu iluminado. Apenas com os olhos e a mão em movimento, executou desenhos lindos e fluidos como música. Depois, num gesto de gratidão, pagou os modelos: entregou uma nota de dinheiro a cada um deles e fomos embora. Nesse dia, uma figura me provocou a atenção: o homem flagrado de frente, curvado sobre o espelho d'água da fonte, com o olhar fixo no artista e suas costas acima da própria cabeça, passava uma sensação simultânea de dignidade e de sofrimento, como se estivesse pronto para carregar o peso do mundo. Esse desenho é um dos estopins na minha série de pinturas em preto e branco com figuras curvadas, estreada no desfecho do século passado.

**GELSON RADAELLI**  
Depoimento em fevereiro de 2019



## EDUARDO HAESBAERT

Faxinal do Soturno, RS, 1968  
Vive e trabalha em Porto Alegre, RS

Iniciou os estudos em artes plásticas na Escola ASPES, Santana do Livramento, em 1980. Em Porto Alegre, especializou-se na gravura em metal no Atelier Livre da Prefeitura, entre os anos de 1986 e 1989. Foi assistente de Iberê Camargo, trabalhando como técnico e impressor de suas gravuras entre 1990 e 1994.

Na Fundação Iberê coordena o Ateliê de Gravura, onde desenvolve o projeto Artista Convidado – uma residência de artistas nacionais e internacionais convidados a experimentar a gravura em metal -, e integra a equipe do Acervo.

Artista representado pela Galeria Bolsa de Arte – Porto Alegre e São Paulo. Realizou as exposições individuais *Torrente* – Galeria Bolsa de Arte, São Paulo, 2019; *Desumano* – Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre, 2017; *Remove* – Paço Municipal de Porto Alegre, 2017; *Corte Seco | Pó* – Espaço Cultura ESPM Sul, 2016; *Negro de Fumo* – Galeria Bolsa de Arte, São Paulo, 2015; *Anotações de uma obra depois das cinco* – Fundação Ecarta, Porto Alegre, 2014; *Última Cena* - Galeria Bolsa de Arte, Porto Alegre, 2011.

Participou das exposições coletivas *Mostra da 7ª edição do Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça* – Museu de Arte Brasileira-FAAP, 2019; *Acervo em Movimento* – Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Porto Alegre, 2019; *Unânime Noite* – Galeria Bolsa de Arte, São Paulo, 2016 – Contemporary Art Centre, Vilnius, 2017 e Fundação Iberê Camargo, 2018; *10ª Bienal do Mercosul*, Porto Alegre, 2015; *O Triunfo do Contemporâneo* – Santander Cultural, Porto Alegre, 2012; *Do Ateliê ao Cubo Branco* – Museu de Arte do Rio Grande do Sul (MARGS), Porto Alegre, 2011.

Suas obras integram os Acervos do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Ado Malagoli (MARGS), do Museu de Arte Contemporânea do Rio Grande do Sul (MAC-RS), da Pinacoteca Aldo Locatelli – Prefeitura de Porto Alegre e do Museu de Arte Contemporânea do Paraná (MAC-PR).

Recebeu os Prêmios VI Prêmio Açorianos de Artes Plásticas – Melhor Exposição Individual 2011 (*Última Cena*); Menção honrosa – VI Salão de Pintura da Cidade de Porto Alegre, 1995; Prêmio Especial do Júri pelo Conjunto da Obra – II Salão Victor Meirelles de Florianópolis, 1994; Primeiro Prêmio – 16º Salão de Artes Plásticas da Associação Chico Lisboa, 1993; Prêmio Secretaria da Cultura do Paraná – 49º Salão Paranaense, 1992; Prêmio Brasília de Artes Plásticas – 12º Salão Nacional de Artes Plásticas, 1992.

\*Artista indicado ao Prêmio Pipa (2019) e selecionado para 7ª Edição do Prêmio Indústria Nacional Marcantonio Vilaça (2019).



## CONSELHEIROS

Jorge Gerdau Johannpeter  
Presidente

Arthur Bender Filho

Arthur Hertz

Beatriz Bier Johannpeter

Celso Kiperman

Dulce Goettems

Fernando Luís Schüller

Frances Reynolds

Glaucia Stifelman

Hermes Gazzola

Isaac Alster

Jayme Sirotsky

Joseph Thomas Elbling

Lia Dulce Lunardi Raffainer

Livia Bortoncello

Nelson Pacheco Sirotsky

Olga Velho

Renato Malcon

Rodrigo Vontobel

Sérgio D'Agostin

Wagner Luciano dos Santos Machado

William Ling

### Conselho Fiscal

Carlos Cesar Pilla

Carlos Tadeu Agrifoglio Vianna

Gilberto Schwartzmann

Heron Charneski

Ricardo Russowsky

Volmir Luiz Gilioli

### Diretores

Mathias Kisslinger Rodrigues  
Diretor-Presidente

Daniel Skowronsky  
Vice-Presidente

Anik Ferreira Suzuki

Ingrid de Kroes

Jorge Juchem Zanette

Justo Werlang

Patrick Lucchese

Pedro Dominguez Chagas

## EQUIPE

### Diretor-Superintendente

Emilio Kalil

### Superintendência-Executiva

Robson Bento Outeiro

### Secretária Executiva

Luciane Zwetsch

### Comunicação e Imprensa

Roberta Amaral

### Design e Plataformas Digitais

Arthur Marques

José Kalil

### Programa Educativo

Lêda Fonseca, consultoria pedagógica

Ilana Machado, coordenação

Aisha Costa, Ewandra Palskuski,

Gabriel Farias, Kailã Isaías,

Natália Meneguzzi, mediação

### Acervo/Ateliê de Gravura

Eduardo Haesbaert

Gustavo Possamai

### Administrativo/Financeiro

Carolina Miranda Dorneles

Guilherme Collovini, assistente

### Consultoria Jurídica

Silveiro Advogados

### Gestão do site e TI

Machado TI

### Produção

Thiago Araujo

### Catálogo e

### Comunicação Visual

Pomo Estúdio

### Conservação e Manutenção

Lucas Bernardes Volpato, consultor

Arnaldo Henrique Michel, encarregado

Jonathas Rosa dos Anjos, assistente

### Loja Iberê

Leonardo Picoli

### Receptivo

Henrique Ferrari

E24 Eduardo Haesbaert: um rio que passa. / Fundação Iberê.  
- Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2021.

52 p.: il. color.  
Catálogo da exposição realizada na Fundação Iberê de  
01/05/2021 a 25/07/2021  
ISBN 978-65-991429-3-2

1. Artes plásticas. 2. Radaelli, Gelson. 3. Camargo, Iberê.  
I. Haesbaert, Eduardo. II. Fundação Iberê Camargo.

CDU 73(81)

Catálogo na publicação: Júlia Agustoni Silva - CRB10/1788

Todas as fotografias do catálogo são de Fabio Del Re\_VivaFoto, exceto  
páginas 44 e 45, de Marta Biavaschi, e página 42, de Rômulo Fialdini  
Revisão de texto Beatriz Caillaux, Midiarte Comunicação



A FUNDAÇÃO IBERÊ REALIZA SEUS PROJETOS ATRAVÉS DE LEIS DE INCENTIVO À CULTURA.  
AGRADECEMOS O IMPORTANTE PATROCÍNIO E APOIO DAS EMPRESAS PARCEIRAS E MANTENEDORES.



IBERÊ NAS ESCOLAS

APOIO



REALIZAÇÃO



## MANTENEDORES DA FUNDAÇÃO IBERÊ | 2021

### Benemérito

JORGE GERDAU JOHANNPETER

### Platinum

EDUARDO WANDERLEY

### Diamante

IRINEU BOFF

### Conselheiros Mantenedores

ARTHUR HERTZ | BEATRIZ BIER JOHANNPETER | CELSO KIPERMAN | DULCE GOETTEMS

FRANCES REYNOLDS | GLAUCIA STIFELMAN | HERMES GAZZOLA | ISAAC ALSTER

JAYME SIROTSKY | JOSEPH THOMAS ELBLING | LIVIA BORTONCELLO | NELSON SIROTSKY

OLGA VELHO | RENATO MALCON | RODRIGO VONTOBEL | SERGIO D'AGOSTIN

WAGNER LUCIANO DOS SANTOS MACHADO | WILLIAM LING

### Mantenedores Ouro

ANA LOGEMANN | ANNA PAULA VASCONCELLOS RIBEIRO | CECILIA SCHIAVON | JUSTO WERLANG

PATRICE GAIDZINSKI | PATRICK LUCCHESI | RICARDO MALCON | SILVANA ZANON

Faça parte: [clube@iberecamargo.org.br](mailto:clube@iberecamargo.org.br)





Fundação Iberê

Av. Padre Caciue, 2000  
+55 (51) 3247 8000  
Porto Alegre/RS

[www.iberecamargo.org.br](http://www.iberecamargo.org.br)

ISBN: 978-65-991429-3-2

